

# COMPREENDENDO A SUBJETIVIDADE À LUZ DOS ESTUDOS QUE CARACTERIZAM O PERÍODO HISTÓRICO DA HIPERMODERNIDADE

*Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins\**  
*Prof. Ms. Francisco Antonio Francileudo\**

**Resumo:** O estudo proposto faz um diálogo hermenêutico sobre a compreensão da subjetividade na hipermodernidade. O objetivo é apresentar a problemática da subjetividade na sociedade apressada hipermoderna. Para tanto, fazemos uso do método qualitativo de interpretação hermenêutica, tomando por base a produção de teóricos e pesquisadores que têm se debruçado em suas pesquisas para compreender as transformações sociais e subjetivas no mundo em mudança. À luz das discussões hipermodernas sobre o processo de transformação e de desenvolvimento tecnológico é que procuramos entender como se mostra a subjetividade. A partir desses achados, propomos que a modernização de uma sociedade qualquer deve ser vista partindo de projetos e movimentos dos diversos processos coletivos que contribuem para a construção da subjetividade. Assim, observamos que no estudo hermenêutico da cultura atual, imperativamente a busca de satisfação subjetiva e procura por meios fáceis e práticos que tragam solução imediata para a presente insatisfação é intensa. Esses novos desafios postos ao ser humano hipermoderno influenciam a ação subjetiva enquanto tal, tanto no que se refere à dimensão da individualidade, quanto da coletividade dentro do pensamento contemporâneo.

**Palavras-chave:** Subjetividade; hermenêutica; Modernidade; hipermodernidade.

**Abstract:** The proposed study is a hermeneutic dialogue about the understanding of subjectivity in hyper. The goal is to present the problem of subjectivity in a hurry hypermodern society. To this end, we use the qualitative method of hermeneutic interpretation building on the production of theorists and researchers who have devoted their attention in their research to understand the social transformations and the subjective world of change. In the light of discussions on the hypermodern process of transformation and technological development is that we understand subjectivity as shown. From these findings we propose that the modernization of any society must be seen from projects and movements of the various processes that contribute to the collective construction of subjectivity. Thus, we observed that in hermeneutic study of the current culture is imperative to search for subjective satisfaction and looks for ways to bring easy and practical immediate solution to

this is intense dissatisfaction. These new challenges posed to human influence hypermodern subjective action as such, both with regard to the dimension of individuality and collectivity in contemporary thought. Therefore, the hyper reveals, according to Lipovetsky, individual hedonism, to undermine the traditional instruments of social control and foster indicates rampant relativism of values, allowing free travel of all sorts of imaginings and possible actions.

**Keywords:** Subjectivity; hermeneutics; Modernity; hyper.

## **Introdução**

Na hipermodernidade, os discursos predominantes, a respeito do que a vida deve ser, têm-se empobrecido gradativamente, à medida que se apoiam, cada vez menos, em razões políticas, filosóficas, éticas e, cada vez mais, em razões de mercado. As grandes utopias políticas e cidadãos apontam sempre para além da banalidade do nosso dia a dia, para um devir, uma transformação do sujeito ou do mundo que ele habita. Ou, então, para alguma forma que ultrapasse os limites de nossa morada organicista e se coloque diante de uma experiência que transcenda o simples consumir.

Esse estudo tem por objetivo dialogar sobre a subjetividade na hipermodernidade, através da interpretação hermenêutica de produções de pesquisadores que tem se debruçado sobre as peculiaridades dessa conjuntura que envolve e propõe novos significados a existência humana.

Neste texto deixamos claro para o leitor que fizemos muitos recortes e optamos por tomar o termo hipermodernidade encampado por Lipovetsky dentre as tantas nomenclaturas dadas ao momento contemporâneo que estamos vivendo como: pós-modernidade, modernidade líquida, sociedade apressada e outras que podemos encontrar na literatura.

Lipovetsky argumenta que desde os anos cinquenta o mundo vive uma intensificação jamais vista daquilo que caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a ascensão técnico-científica. E a partir do avanço gigantesco da globalização e das inúmeras tecnologias de comunicação que tem seu ápice a partir dos anos oitenta (80), é que ele denomina de hipermodernidade o momento que vivemos. Isso por causa da velocidade dos acontecimentos e movimentos, interferindo diretamente no comportamento e modo de vida do ser humano.

A situação paradoxal da sociedade hipermoderna, dividida entre a apologia do excesso e o elogio à moderação, traz como consequência uma inquietante desestabilização emocional e fragilização do indivíduo. Face

à desestruturação das formas de controle social, temos o direito de decidir e fazer escolhas no âmbito de um contexto cada vez mais plural e liberal, mas também nos cabe a capacidade para o exercício do autocontrole e do comportamento individual responsável.

Desta forma, o indivíduo hipermoderno revela-se inquieto e amedrontado diante de um futuro incerto e ambivalente: por um lado é estimulado à valorização de princípios como a saúde, o equilíbrio e a prevenção; por outro, levado pela lógica do excesso, revela comportamentos extremamente excessivos reveladores de uma patologia do excesso do consumo.

Tudo parece indicar que realmente estamos na era do “hiper”, a qual aponta para a necessidade de se repensar a socialização e a dimensão ética da vida. Pois, o que dá significado a existência humana é o denominado mercado consumista, com seus sinais visíveis e invisíveis de realizações quantificáveis, não deixando espaço para o sujeito crítico pensar outra forma de viver e se relacionar.

Neste sentido, as contribuições do pensamento de Edith Stein sobre a pessoa possuem potencial impar que aponta para alcançar a plenitude, não pelo hiperconsumo, mas pela busca do que é relevante para seu aperfeiçoamento: para conseguir a transformação sobrenatural, é preciso deixar tudo quanto faz parte do homem natural<sup>1</sup>. Procurando compreender um pouco esta subjetividade steiniana, percebemos uma correlação com as inquietudes fenomenológicas, quando Edith Stein concebe o ser humano como um projeto, algo inacabado. O aperfeiçoamento, porém, pertence ao homem mesmo.

## **Metodologia**

Antes de entrar naquilo que é nosso objetivo refletir, a subjetividade na hipermodernidade é plausível fazer brevemente um histórico dos diferentes momentos ou estágios porque passou o pensamento filosófico contemporâneo. Assim, a reflexão que se vai fazer não deve perder de vista a relação filosofia e subjetividade, visto que a experiência tem por base levantamento de alguns dados sobre a subjetividade na sociedade apressada hipermoderna.

Para tal empreitada utilizamos o método de investigação qualitativo de interpretação hermenêutica, no intuito de compreender a ação humana

---

<sup>1</sup> STEIN, E. *A ciência da cruz*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

em seus diferentes comportamentos subjetivos e sociais, a partir das construções dos diversos autores pesquisados<sup>2</sup>.

Neste sentido a filosofia interpretativista define o papel do hermeneuta como “um indivíduo engajado em uma análise crítica ou explicação de um texto”<sup>3</sup>. A hermenêutica é a arte ou técnica de compreensão e construção de um fundamento metodológico para as ciências humanas, cuja tarefa é interpretar as estruturas básicas de nossa experiência de vida, sustentando a ideia de que a tradição não é algo externo, mas é uma força viva que penetra toda a compreensão, influência no que somos e no modo como compreendemos o mundo<sup>4</sup>.

Sendo, assim, compreender é sempre compreender de uma maneira diferente, o que não significa que a interpretação seja feita de maneira arbitrária e deturpante, mas uma interpretação correta do que dizem as coisas em si mesmas. Visto que a compreensão é vivida ou existencial, ou seja, “compreender o que está envolvido no processo da compreensão propriamente dita”<sup>5</sup>.

### **Compreendendo o período histórico da modernidade à hipermodernidade**

Modernidade é um termo que muitas vezes encontrou no decurso da história significações abusivas, interferindo na perspectiva intelectual, cultural e ética, pois, o ethos moderno afetou a conduta dos indivíduos como também as concepções de mundo e as estruturas sociais.

Quando falamos da modernidade convém que destaquemos o clima intelectual<sup>6</sup> em que se gerou o pensamento moderno e, posteriormente, a radicalização desse pensar na hipermodernidade, partindo de suas raízes, e o discurso pré-moderno que acontecia a partir das narrativas míticas e metafísicas.

O mundo ocidental, marcado pelo pensamento grego e pelo direito romano, assimilou, a experiência cristã que continua presente até hoje, como herdeiro da tradição greco-romana. Todo o nosso modo de ser é

---

<sup>2</sup> PONTES, R. N. *Mediação e Serviço Social: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1997.

<sup>3</sup> DENZIN, N.; LINCOLN, Y.S. et al. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens*. Artmed, Porto Alegre, 2006, p. 198.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> DENZIN, N.; LINCOLN, Y.S. et al. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens*, Porto Alegre: Artmed 2006, p. 200.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, M.A. de. *Pluralismo e ética: in ética e práxis cristã*. São Paulo: Ática, 1995.

fruto de um longo processo histórico que tem seus assentos antes mesmo da Idade Média.

As raízes do que entendemos por modernidade podem ser encontradas em Santo Agostinho quando muito antes acentua o conceito de interioridade, que torna possível pensar que, o que temos em termos de experiências voltadas para o intimismo, peculiaridade da modernidade, com efeito, encontra seus primórdios em Santo Agostinho. Ele fala da ideia do 'futuro interno', uma interioridade que nos permite afirmar "o princípio 'redi in te ipsum' em que o homem entra em si mesmo e encontra a verdade: 'Noli foras ire, in teipsum redi, in interiori homine habitat veritas'; embora esta interioridade tenha como último ponto de apoio a própria divindade"<sup>7</sup>.

Contudo, a modernidade inaugura um novo período na história do pensamento ocidental. É com o poderio que foi dado à razão no período iluminista, que o ser humano "iluminado" encontrou uma autonomia diante do antropocentrismo e que começa a negar qualquer possibilidade de encontrar garantias fora de si, fora do processo de racionalidade do sujeito. De forma que, "a realidade agora permanece reduzida à objetividade sem nenhum outro mediador"<sup>8</sup>.

Assim, a modernidade trouxe a chamada superação da menor idade humana que se apoiava no fanatismo, na superstição e na intolerância, a razão moderna vai aportar num processo reflexivo, emancipador e libertador, que se dirige para a consecução da felicidade. O sujeito moderno pretende entrar em confronto com o sentido dos conteúdos políticos, éticos, culturais, emancipando-os do marco da tradição.

Como é sabido, a civilização ocidental moderna resulta dos acontecimentos ocorridos entre os séculos XIV e XVI; então, a partir daí "a filosofia passa a ocupar o lugar da religião, na fundamentação da nova ordem sócio-política. A razão humana começa a ser realçada diante da fé<sup>9</sup>. E a modernidade gera um novo paradigma, o antropocêntrico centralizando o diálogo com as ciências e o discurso racional. Essa modernidade racionalista passa a acreditar em uma outra experiência

---

<sup>7</sup> CASTIÑEIRA, A. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Tradução por Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 40.

<sup>8</sup>Ibidem, p. 22.

<sup>9</sup> LARA, T. A. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia ocidental, do Renascimento aos nossos dias*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p.08.

que não é de Deus, mas na experiência de um mundo de essências e de verdades puras. Essas verdades intuídas pela razão humana é que passam a ser o suporte de todo o conhecimento válido, libertando o homem da tutela da Teologia, encarnada na Escolástica, possibilitando sua plena realização.

Essas novas tendências podem divergir quanto aos limites das possibilidades da razão. Não divergem sobre a necessidade de a razão fundamentar os novos valores que conduzem e orientam as construções sociais e subjetivas. “A pesar do processo de dessacralização desse mundo, ele permanecia nimbado por certa sacralidade. A sacralidade dos princípios primeiros racionais”<sup>10</sup>.

A sociedade paulatinamente vai se desvinculando da cultura medieval e ficando cada vez mais secularizada, passando a falar de Deus não mais como o Deus da revelação cristã, mas o deus da razão. Sendo a última palavra não mais da teologia, e sim a produção da razão humana. “É o próprio homem que dá as cartas de leitura da sua existência e do mundo que o cerca. O homem torna-se, realmente, a medida de seu mundo significativo”<sup>11</sup>.

Assim, em nome do ser humano moderno, levantou-se outra cultura: a da razão, da experiência, da ciência e da técnica, fundamentando-se na racionalidade e vontade do ser humano. Com isso, o fenômeno da modernidade vai compreender o mundo como espaço secularizado, onde há uma decadência das ideologias e da ética, gerando uma ruptura com os compromissos sociais, políticos e modelos de comportamentos culturais e subjetivos.

O processo acelera-se a partir do século XVII, com o cógito cartesiano, incluindo aqui o crescente aumento da vinculação histórico-temporal com o moderno processo de centralização e auto-afirmação do sujeito como centro de todo o pensar.

O cógito cartesiano faz uma transvaloração do princípio agostiniano, despontencializando a essência ontológica necessária. O sujeito moderno substitui, portanto, a verdade divina que habita em seu interior, pela intrínseca auto-evidência da verdade. “Passamos do ser unicamente pensado para o ser pensante, para o espírito consciente de si

---

<sup>10</sup> Ibidem, p.32-33.

<sup>11</sup> Ibidem, p.50.

mesmo, já que, para quem pensa é infinitamente mais próximo, mais presente e mais certo que o pensado”<sup>12</sup>.

Na sociedade moderna não há mais um sistema unitário capaz de articular o sentido último nas diferentes esferas da vida humana. Neste contexto, a subjetividade moderna é marcada pelas ilimitadas propostas de realização. Aqui o indivíduo “vai definir-se socialmente pelo econômico, e não precisamente por valores que possam guiar seu agir no mundo”<sup>13</sup>.

Com esta perspectiva de mundo, onde tudo é instrumento da razão e o ser humano é o sujeito que dá sentido a tudo que existe, vem, então, o problema do individualismo exacerbado transformando os valores em questões relativas, atacando as imagens estáveis do mundo. Dentre as muitas mudanças que ocorrem no contexto social que interferem na subjetividade surge o fenômeno da globalização<sup>14</sup>. “A globalização é um processo de decomposição e recomposição da identidade individual e coletiva que fragiliza os limites simbólicos dos sistemas de crenças e pertença”<sup>15</sup>.

Desse modo, a modernidade trouxe princípios que são elementos vinculantes para o desenvolvimento normativo de seus valores. O que mais se destacou no decurso do tempo foi a individualidade, abrangendo todas as suas dimensões: sentimento, razão, liberdade. De modo que podemos observar dos escritos de Castiñeira que esta individualidade genial vai desembocar na vontade de expansão do sujeito autônomo.

---

<sup>12</sup> CASTIÑEIRA, A. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Tradução por Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 41.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, M. A. de. *Diálogos entre Razão e Fé*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 10.

<sup>14</sup> A globalização provocada pela revolução tecnológica, política e econômica tem ocasionado a perda de identidade e forte tendência ao desenraizamento cultural e religioso que desembocou nas grandes massas de pessoas pobres sobrando na sociedade pensada pela modernidade. Esta também produziu a perda do sentido da identidade cultural e tem diminuído bastante a identificação das pessoas com as comunidades de origem. Dessa forma, hoje, vive-se um processo de imitação da forma de vida dos países ricos, constante migração, invasão de imagens simbólicas que invadem o universo cotidiano das pessoas mediante os meios de comunicação social modernos. Isto tem promovido também o relativismo das crenças que ataca diretamente as imagens estáveis do mundo, a memória coletiva, religiosa e a cosmovisão. Com efeito, tudo isto tem permitido aos indivíduos sentirem-se em casa em seu mundo, entretanto em uma profunda crise de legitimidade da sociedade, da cultura, da religião e da vida pessoal. O mundo globalizado é um mundo da fragmentação, do relativismo, é um fato universal que atinge toda a civilização (CASTIÑEIRA, A. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Tradução por Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 9-14).

<sup>15</sup> OLIVEIRA, M. A. de. *Diálogos entre Razão e Fé*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 14.

Assim, a modernidade fundamenta-se pela afirmação do poder da razão e da técnica e pelo “protagonismo do sujeito no pensamento e na ação política; a rejeição a tradição, a autoridade e ao dogma; a crença em valores como o progresso ou o trabalho, etc”<sup>16</sup>.

Seguindo essa argumentação, Castiñeira<sup>17</sup> continua afirmando que a modernidade vai ser regida por princípios que ela considera a razão de ser para dar sentido a todas as coisas, como: a categoria de análise sócio-econômica, a filosofia científica e histórica e a categoria estético-cultural. E, ainda, a predominância vai desde o fator técnico-industrial, prezando pelo bem-estar social e pelo consumo.

Conforme o modelo social baseado na utopia da razão instrumental, na qual o progresso material, a democracia liberal, a cultura popular e a ética do trabalho são valores derivados dos mecanismos econômicos utilizados pela industrialização e aplicação de capital. Aqui é importante que destaquemos as transformações sociais realizadas no mundo urbano, a nivelação social, a reorganização política e dos modelos de cultura e saúde pública adotados. Também sofre grande impacto a comunicação de massa e o pluralismo ideológico<sup>18</sup>.

Portanto, neste percurso histórico da modernidade a hipermodernidade percebemos mudanças substanciais que influenciam a subjetividade humana: do triunfo humano do sujeito individual, por meio da sua razão e liberdade, valores que caracterizam a cultura moderna, continua na hipermodernidade com uma radicalização dessa, deixando os sujeitos cada vez mais individualistas, utilitaristas, coisificantes e consumistas. “O consumismo não conhece limites. Ele não respeita domínios antes imunes aos seus efeitos, nem sustenta marcos existentes de território cultural”<sup>19</sup>.

Como visto, a época moderna vai difundir dois modelos de valores que serão o marco de seu processo: primeiro, a racionalidade e a liberdade e o segundo o progresso, a indústria e a utilidade. Tudo isto, porque o que está em alta é autonomia da razão teórica e prática, que vai dominar o ser humano com o mito do progresso indefinido desembocando na autonomia individual e no desaparecimento das estruturas de controle social.

---

<sup>16</sup> CASTIÑEIRA, A. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Tradução por Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 10-11.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> LYON, D. *Pós-modernidade*. Tradução por Euclides Luis Calloni. São Paulo: Paulus, 1998, p. 93.



Na avaliação de Castiñeira<sup>20</sup> os pressupostos que regem a modernidade são os da racionalidade moderna que valorizam os objetos capazes de dar certeza científica absoluta. E que possam demonstrar a sua legitimidade a partir da razão. As normas para o pensar moderno fundam-se na abstração do pensamento, na estrutura temporal, na individuação humana, na libertação do elemento prometeico,<sup>21</sup> como dimensão imanente da condição humana.

Os elementos prometéicos da modernidade vão levar os indivíduos a apoderar-se do seu próprio destino, numa imanência auto-afirmando-se como produtividade livre sem vínculo com a antiga dimensão transcendente da vida humana. Neste sentido, o cinismo da modernidade vai desembocar na ideologia individualista hedonista que é conseqüência da radicalização contra as pretensões de universalidade do pensar medieval e auto justificam-se na racionalidade moderna.

Nesta ótica, torna-se possível compreender que, no contexto histórico da modernidade e radicalização da mesma na hipermodernidade, o que percebemos não é uma ruptura, mas uma continuidade teórica que mantendo a distância, crê contemplar o caráter ilusório da verdade, e que, afinal, renuncia ao iluminismo porque, no fundo, o levou a sério. O momento em que vivemos é uma modernidade sem lamentações, "sem a ilusão de uma possível reconciliação entre jogos de linguagem, sem nostalgia de totalidade nem de unidade, de valores e de realidades, com a jovial ousadia de uma 'gaia ciência'"<sup>22</sup>.

Como observa Oliveira,<sup>23</sup> a modernidade caracterizou-se pela centralização do ser humano como critério último de verdade. Nessa compreensão, reportando-se a Habermas, neste processo de modernização considera que a subjetividade humana caracteriza-se pela radicalização desta forma de pensar que vinha sendo apresentada, chegando na hipermodernidade<sup>24</sup> a negar toda pretensão de articular um discurso do sentido do todo, apresentando-se como um sistema que implica mudança de sentido, utilizando-se de categorias bem mais enfáticas que as usadas nos períodos pré-moderno e moderno.

---

<sup>20</sup> CASTIÑEIRA, A. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Tradução por Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>21</sup> Entenda-se por dar esperança ou fazer promessas de projetos ligados a fundamentos temporais relativos ao futuro e sentido da práxis humana.

<sup>22</sup> CASTIÑEIRA, A. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Tradução por Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 117.

<sup>23</sup> OLIVEIRA, M. A. de. *Pós-modernidade: abordagem filosófica*. Fortaleza: UFC, 2002.

<sup>24</sup> LIPOVTSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004b.

Em última instância, o que a hipermodernidade vai fazer é uma radical crítica ao antropocentrismo, categoria central do pensamento moderno, a do sujeito idêntico a si mesmo, fonte de constituição do modo de pensar o mundo. Oliveira afirma que todas as metas narrativas perderam, hoje, a sua credibilidade e se tornaram incapazes de garantir o vínculo social. O que ocorre é que o princípio de uma meta linguagem universal é substituído pela pluralidade de sistemas, normas e axiomas. “O conflito surge, precisamente, por não haver uma meta linguagem universal, o que se torna sem sentido qualquer tentativa de articular uma teoria global das estruturas fundamentais da realidade”<sup>25</sup>.

Nesse contexto de hipermodernidade, ao que nos parece, é importante repetir todas as formas de saber e de ação, destacando as características que lhe são muito peculiares e aqui destacamos: desconfiança profunda frente a qualquer tipo de identificação com o conceito de metafísica; preferência pelas diferenciações e mudanças de sistema; “dúvida, fundamentada na teoria da linguagem, na pretensão de universalidade do espírito; um certo retorno ao vitalismo dos desejos em recusa às injunções de um superego vinculado ao sistema”<sup>26</sup>.

Portanto, a hipermodernidade é a época da aparência destituída de tradição e constituindo novos referenciais e status teóricos e práticos, desqualificando o passado e valorizando o novo. Afirma o individual sobre o coletivo, reinando no processo de subjetivação o efêmero. Contudo, aqui a ênfase é dada a autonomia subjetiva e, esvaziam-se os princípios sociais reguladores de opiniões e modos de vida<sup>27</sup>.

De fato, Lipovetsky<sup>28</sup> complementa dizendo que a hipermodernidade é mais que um simples momento da história, ela é o horizonte valorativo e normativo em que vivemos e dentro do qual construímos relações. É momento de pensar a felicidade fundamentalmente voltada para o individual. Em outras palavras, felicidade, prazer, consumo e individualismo são pontos de referência fundamentais para o entendimento da subjetividade hipermoderna.

E, ainda, a crise da modernidade é um processo inacabado que gerou a hipermodernidade, a era do vazio, do líquido, do hiper, que por sua vez se explica melhor pela sedução do consumo ou do hiperconsumo

---

<sup>25</sup> OLIVEIRA, M. A. de. *Pós-modernidade: abordagem filosófica*. Fortaleza: UFC, 2002, p. 02.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 05.

<sup>27</sup> LIPOVTSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004b.

<sup>28</sup> *Idem*.

e hipernarcisismo<sup>29</sup>. Dessa forma, a hipermodernidade está ainda entrelaçada com a modernidade, definitiva e perpetuamente, porém numa época nova, com releitura nova de certas características da modernidade que a subjetividade hipermoderna foi intensificando cada vez mais.

### **Características da subjetividade à luz da hipermodernidade**

A sociedade hipermoderna em que vivemos precisamente a do século XXI é marcada por mudanças. Mudanças de paradigmas, mudanças culturais, sócio-econômicas e de valores, que implicam necessariamente em uma re-adaptação do indivíduo em seu meio. Frente a tantas mudanças, que não deixam de interferir no afeto, no comportamento, no indivíduo em sua unicidade e na própria coletividade os sujeitos têm sentido os efeitos desses impactos.

Lipovetsky<sup>30</sup> nos aponta a lógica contraditória da sociedade hipermoderna, acentuando o fato de esta contradição ter sido introjetada pelos indivíduos, que a revelam através de seus conflitos e de seu medo diante da incerteza, da complexidade e da imprevisibilidade do presente. Neste sentido, o que mudou principalmente foi o ambiente social e a relação que os indivíduos estabelecem com o presente. Com isso, é o medo que impera e que domina diante de um futuro incerto, onde tudo inquieta e assusta.

De acordo com Lipovetsky<sup>31</sup> a expressão pós-moderno — isto é, de algo que vem após a modernidade, é ambígua, desajeitada, para não dizer vaga, pois evidentemente a partir dos anos 1950, 1960, havia uma modernidade de novo gênero que tomava corpo e não uma simples superação daquela anterior.

Então, o que caracteriza esse momento da história? Rápida expansão do consumo e da comunicação em massa; enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; o crescimento da individualização; perda de crenças em um futuro revolucionário; descontentamento com a política e enfraquecimento das militâncias. Partindo desses pressupostos psicossociais, Lipovetsky<sup>32</sup> analisa o sujeito contemporâneo “nos tempos hipermodernos” com novos valores. Esses valores pautam o modo de

---

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Idem.

vida, através do hipercapitalismo, da hiperclasse, das hiperpotências, do hiperterrorismo, do hiperindividualismo, do hipermercado etc. O autor argumenta que a modernidade está então cada vez mais radicalizada, assistimos ao liberalismo globalizado, na mercantilização quase generalizada dos modos de vida, numa individualização galopante.

O que constatamos é que chegou o tempo da modernidade consumada, uma escalada aos extremos sob o signo do excesso: tecnologias em transformações vertiginosas, Internet, milhões de sites, o turismo de multidões, aglomerações urbanas, cidades gigantescas, hipervigilância, hiperconsumismo, obesidade, compulsões e vícios. O tempo hoje, hipermoderno é instantâneo, líquido, fluido tem como característica a “cultura do narcisismo”, uma monumental explosão individualista<sup>33</sup>.

Lipovetsky, em “Os tempos hipermodernos” pinta o quadro que se convencionou chamar, na França, de “paradigma individualista”. Em “A era do vazio”, focaliza mais ainda a desagregação da sociedade e dos costumes. O indivíduo contemporâneo, o consumo de massa, a emergência de um modelo de socialização e de individualização nunca vistos, em ruptura com o tradicional, dos séculos XVII e XVIII. Para o autor, estamos entrando em uma nova fase na história do individualismo ocidental caracterizada como segunda revolução individualista.

O modo de vida hipermoderno retratado por Lipovetsky apresenta também aspectos que interferem diretamente no jeito de ser e viver dos homens e mulheres da sociedade atual. A mudança de época apresenta: distâncias encurtadas, entre uma comunidade e outra, uma nação e outra e entre as pessoas.

O momento hipermoderno que vivemos é comandado pelo tempo eletrônico, acelerando e diversificando intercâmbios e comércios, trocas e negócios, até mesmo as relações entre os povos. Assistimos ao surgimento de um mundo sistematizado, tecnificado, pragmático, impondo os princípios da quantificação e da eficiência a todas as atividades, produções culturais, modos de vida e de cosmovisão. É a chamada globalização do capital, das condições de produtividade, do mercado, do lucro e das exigências desse mesmo mercado.

---

<sup>33</sup> Cf. LIPOVETSKY, G. 1989, 2004a, 2004b, 2004c, 2007; BAUMAN, Z. 1998, 1999, 2001, 2007, 2009.

Tal modo de vida caracterizado como “tempo de mudança”, resultou da revolução tecnológica e informacional, que vem transformando nosso modo de pensar, comunicar, viver, produzir e consumir, atingindo simultaneamente diferentes pessoas em diferentes espaços, constituindo uma economia global, planetária, uma cultura de virtualidade real, que integra diversas culturas em um único universo eletrônico – o ciberespaço, com suas consequências positivas e negativas<sup>34</sup>.

Lipovetsky refere-se a esse tempo hipermoderno como a “sedutora leveza do ser” e Bauman como “tempo instantâneo”, no sentido de exaustão e ausência de interesse. Se a “modernidade sólida” foi a era dos engajamentos mútuos, a “modernidade líquida” é a era dos desengajamentos. Nessa liquidez, não há lugar para funções de longa duração. O curto prazo substitui o longo prazo e faz do “momento presente” sua meta final. A transitoriedade substitui a perenidade. Tudo cai na armadilha do presente, do instantâneo, o que inquieta e assusta, pois assistimos a uma imposição do imediato, do aqui e agora, da pressa, do fútil, do frívolo, do culto ao desenvolvimento pessoal e do bem-estar material, expressão da ideologia individualista e hedonista.

O perfil inédito do indivíduo hipermoderno ou o modo de viver na relação consigo mesmo, com os outros, com o mundo, com o trabalho e com o tempo tudo mudou. Se na modernidade a identificação era com o espírito empresarial, com a esperança futurista, “o narcisismo inaugura, pela sua indiferença, a pós-modernidade”<sup>35</sup>. O modo de vida é flexível, hedonista e libertário, fruto de uma nova lógica individualista (anos 80), caracterizada pelo adjetivo hiper: hiperconsumo, hipermercado, hipertexto, hipersociedade, hipermodernidade, hipernarcisismo. É a terceira revolução consumista, na qual se consome por prazer. Flexibilidade é a ordem do dia para uma sociedade imediatista e centrada em si mesma. Com razão diz Lipovetsky “o questionamento da tradição, o hiper-individualismo das pessoas, a instabilidade das normas de socialização colocam em risco a coesão social contemporânea, uma vez que é impossível mantê-la numa sociedade autônoma, independente, desarraigada, liberta de laços comunitários que unificavam a sociedade anterior”<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> CASTELLS, M. *La era de la Información: economía, sociedad y cultura – el poder de la identidad*. 5.ed. Madrid: Alianza, 2001<sup>a</sup>. v. 2. CASTELLS, M. *La era de la Información: la sociedad en red*. Madrid: Alianza, 2001b. V.1.

<sup>35</sup> LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução Miguel Serras Pereira; Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'água, 1989, p. 48.

<sup>36</sup> LIPOVTSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004b, p. 26.

Interesses particulares prevalecem sobre os sociais, à autonomia individual sobre a ortodoxia doutrinal, o imediatismo interesseiro sobre o devotamento incondicional, a participação livre sobre a coletividade, a preguiça sobre a vontade de trabalhar. Nas declarações de Lipvetsky a hipermodernidade não é nem o reino da felicidade absoluta, nem o reino do niilismo total. Como também, não é nem o resultado do projeto das luzes, nem a confirmação das sombrias previsões nietzschianas<sup>37</sup>. Ele apresenta o a subjetividade do sujeito atual como marcado pelos fenômenos que ocorrem na economia, no culto a moda e ao luxo. Apresentando transformações no plano da ética e do consumo, com características marcantes de uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento e pela fluidez, prazer intenso e flexibilidade.

Ao criar o hipermercado dos modos de vida, o universo do consumo, do lazer e agora das novas tecnologias possibilitou uma automatização crescente do que se refere às limitações temporais coletivas; disso resulta uma dessincronização das atividades, dos ritmos e trajetórias individuais<sup>38</sup>.

Portanto, evidencia-se o declínio de verdades sedimentadas e tradições. Vincula-se essa realidade, então, a lógica do prazer intenso, do exagero, da hipervalorização do presente, apreciando tudo de forma descartável.

Dentro da perspectiva hipermoderna, o funcionamento do mundo liberal, que gera mais lucro, mais eficiência e mais racionalidade, parece justificar os receios de Heidegger, o qual, a respeito da técnica, denunciava uma deturpação de seu sentido em favor de uma 'vontade da vontade', uma dinâmica do poder que se alimenta de si mesmo, sem uma outra finalidade além do seu próprio desenvolvimento. A vontade que de início era animada pelo louvável desejo de aliviar a humanidade de seu sofrimento imemorial, transformou-se pouco a pouco em vontade de poder, tendo como única finalidade seu próprio domínio sobre as vidas humanas e as coisas e, em última análise, produzindo este mundo fanático da técnica e do desempenho que é nosso<sup>39</sup>.

As características subjetivas que marcam o presente momento da história dos sujeitos contemporâneos é o universo do fanatismo pela técnica e desenvolvimento, pela lógica mercadológica da acumulação de

---

<sup>37</sup>Cf. Ibidem, p. 43.

<sup>38</sup> Cf. Ibidem, p. 78.

<sup>39</sup> Cf. Ibidem, p.34.

capital, pelo controle e produtividade que sustentam as atividades de trabalho. De forma que a produtividade passou a ser a grande preocupação, assim, o estudo sugere que a competição desenfreada passou a ser o meio eficaz de obter a prosperidade, aumentar o lucro e o bem estar. Esse jeito de estar e se relacionar movido pela busca veloz por riqueza incentiva uma produtividade sempre maior do que é possível, e a relação do homem com o social se configura diferentemente gerando a sociedade da pressa, desvinculando as pessoas das reais necessidades humanas, passando a pautar seu modo de vida de forma que parece excluir o tempo para si, para a família e centralizam a vida no hiperconsumo.

Nesse emaranhado de transformações, parece encontrarmos realidades ambíguas: trabalhadores vivendo experimentos automatizados, sem tempo para si, focados em atividades produtivas, numa compulsiva vontade de mudança, indiferença social, vivências intensas pautadas no individualismo, percorrendo uma busca insana por práticas hedonistas de culto ao corpo e ao consumo exacerbado.

A marca subjetiva que a hipermodernidade deixa para o modo de vida é: permanecer no instável, na ausência de autoridade e de referência comum. O que cada vez fica mais comum são as ilusões das trivialidades, o descompromisso e a perda da consciência de responsabilidade. Os indivíduos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, “mais adultos e menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos”<sup>40</sup>.

O modo de vida hipermoderno nas palavras de Lipvetsky é pautado pela perspectiva de que é preciso ser mais moderno que o moderno, mais jovem que o jovem, estar mais na moda que a própria moda para adaptar-se e entrar na perspectiva dos anseios da subjetividade contemporânea, sustentada pelo descartável, no aqui e agora, no prazer self-service e no imediatismo.

Assim, um estudo da subjetividade na hipermodernidade que queira minimamente ser eficaz deve considerar todas essas questões levantadas por Lipvetsky. Deve-se olhar para a atual condição de vida e observar as unidades de significado que apresentamos, considerando que é preciso reconhecer essas características restritivas participantes do cotidiano de cada sujeito da sociedade apressada, produzindo falta de entusiasmo, nasiedade,

---

<sup>40</sup> Ibidem, p.28.

insatisfação, solidão, inutilidade, desvalorização e desgaste, quando não uma falta de confiança em si mesmo, indiferença e dificuldade para se engajar, para valer, numa empreitada que produza valores éticos e dignidade humana.

Para melhor entender a subjetividade a luz da hipermodernidade pressupõe uma mudança na representação da psique, que está comprometida com uma natureza cultural. O desenvolvimento de tal compreensão tem como desafio apresentar a psique despojada de qualquer traço determinista e essencialista, representando uma nova dimensão, dialógica e dialética.

Assim, a subjetividade não se refere a uma categoria intrapsíquica nem mesmo a algo que vem de “fora” e que aparece “internalizado” na pessoa. Sobre isso González Rey considera que a subjetividade não é algo que aparece somente no nível individual, mas que a própria cultura dentro da qual se constitui o sujeito individual, e da qual é também constituinte, representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade. Temos de substituir a visão mecanicista de ver a cultura, sujeito e subjetividade “como fenômenos diferentes que se relacionam, para vê-los como fenômenos que, sem serem idênticos, se integram como momentos qualitativos da ecologia humana em uma relação de recursividade”<sup>41</sup>.

É também característica dos sujeitos e sociedade atual a heterogeneidade e a dissensão, surgindo, então, uma pluralidade de identidades em resposta à ilusão totalizadora. Assim, o ser humano hipermoderno nega o consenso e regras já estabelecidas. O que se tornou marca para a vida dos homens e mulheres hipermodernos é um narcisismo secundário, de agir em nome da satisfação, “a satisfação de um nós que exclui um terceiro exterior a si mesmo, um nós definitivamente limitado à própria particularidade”<sup>42</sup>.

Conforme recomenda Lyon a condição hipermoderna explora múltiplas faces do indivíduo e dentre estas destacamos: o reinado da moda, as metamorfoses da ética, a nova economia do sexo, as mutações da sociedade do consumo e a explosão do luxo. A civilização ocidental em si parece estar passando por transformações irreversíveis a passos acelerados, e não podem mais sustentar a crença de que ela é um

---

<sup>41</sup> GONZÁLEZ REY, F. L. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico cultural*. São Paulo: Thomson Learning, 2003, p. 78.

<sup>42</sup> CASTIÑEIRA, A. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Tradução por Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 141.



'paradigma para o progresso'. O que é notável são as mudanças na estrutura da sensibilidade dos seres humanos, uma vez que se voltam para a lógica cultural do consumo mais recente." Para muitas pessoas, muitas coisas em suas vidas não passam de simulação. Elas precisam cravar os dentes num pão bem real antes de se entregar a imagens mais mastigáveis"<sup>43</sup>.

Essa crítica de Bauman centra-se no consumismo, quando o mesmo apresenta-se como a solução para os problemas e saída para a felicidade universal. E, ainda, levanta a pretensão de solucionar o problema da liberdade reduzindo-a a liberdade de consumir. O hiperconsumo torna-se algo global não só no sentido de que todos podem consumir, mas no fato de que todos são afetados por ele. Nesta perspectiva faz-se necessário que busquemos uma linha ética e uma posição crítica sobre tal situação que afeta diretamente a subjetividade contemporânea.

Como já falamos, na época moderna a busca constante era pela felicidade que seria alcançada pelos inventos tecnológicos e explicações para os mais diversos fatos da existência humana. Não conseguindo os feitos esperados e procurando satisfazer o vazio existencial, o momento presente é preenchido com o consumo e a busca desenfreada pela segurança. "O homem civilizado trocou um quinhão de suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança"<sup>44</sup>.

E como proceder se o mundo hipermoderno é marcado por estilos e padrões de vida livre e concorrente, onde as pessoas são seduzidas pelas infinitas possibilidades de renovação promovidas pelo mercado consumidor passando pelas sensações de experiências de satisfação. A hipermodernidade apresenta um projeto de vida individual, dominado por um sentimento de incerteza, que gera um sujeito multifacetado, ou um sujeito mais complexo, para poder lidar com tamanha quantidade de pontos de vista. Nisto, observamos que a subjetividade é uma construção que pertence ao singular e ao universal; é o elo entre sujeito e coletividade. Porque a subjetividade é a constituição máxima dos recursos psíquicos de uma pessoa, mas por outro lado, o que dá o contorno ao que um indivíduo pode ser ou não é, em grande medida, o social.

---

<sup>43</sup> BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 102.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 08.

Também é característica da sociedade hipermoderna produzir simultaneamente a ordem e a desordem, a independência e a dependência subjetiva, a moderação e a imoderação, gerando a aceleração social e a fluidez nas relações. Em tempos hipermodernos é preciso ser mais moderno que o moderno, mais jovem que o jovem, estar mais na moda que a própria moda para adaptar-se e entrar na dinâmica da subjetividade atual, pois a regra é “tudo deve mudar, e mudar o mais rápido possível, pois só assim podemos manter a roda da economia”<sup>45</sup>.

Igualmente a subjetividade passa a mudar e, a mesma esta nesta roda, visto que uma das dimensões da angustia existencial sempre foi à aceitação social. Olhando para essa marca subjetiva é preciso reconhecer essas características como parte do cotidiano de cada sujeito da sociedade atual, com sujeitos marcados pela insatisfação, solidão. Estamos, ao mesmo tempo, num universo que promete satisfação de todos os desejos e numa época em que, como nunca antes, se adocece de frustração.

## **Conclusão**

Após esse percurso hermenêutico de investigação sobre a subjetividade à luz do contexto histórico da hipermodernidade consideramos que foi importante destacar: o percurso histórico porque passou o pensamento ocidental até chegar a hipermodernidade. E, partindo disso, concluimos que as influências pré-modernas de aspectos da Idade Média e início da Modernidade é pressuposto, razão e fundamento de todo o pensar, fazer e viver hipermoderno. Se antes o mundo girava em torno das questões míticas, sagradas e metafísicas com o processo de mudanças passa a centralizar o antropocêntrico.

Constatamos que na modernidade, o paradigma é o antropocentrismo: “penso, logo existo”. O ser humano é quem dá sentido, pela racionalidade, a tudo que existe. Já na hipermodernidade, o panorama volta-se para a satisfação imediata, a constante mudança, a fragmentação do presente. Tudo gira em torno de: “consumo, logo existo”, “tenho prazer, logo existo”, “tenho poder, status, logo existo”, “tenho segurança, logo existo”. Tudo se volta para a realização individual e o bem-estar emocional, servindo inclusive de base para o existencial.

---

<sup>45</sup> FERREIRA, V.R.T. *Psicoterapia e pós-modernidade: problemas da subjetividade e da psicologia clínica no contemporâneo*. Revista de psicologia da UnC, vol.2 nº2, p.128-133. [www.nead.uncnet.br/revista/psicologia](http://www.nead.uncnet.br/revista/psicologia), p. 131.

Assim, a hipermodernidade nos revela, segundo Lipovetsky, um individualismo, ao minar as instâncias tradicionais de controle social; indica favorecer o relativismo desenfreado de valores, permitindo o livre curso de toda sorte de elucubrações e de ações possíveis. Também, constatamos um espírito de irresponsabilidade incapaz de resistir tanto aos apelos externos como aos impulsos internos, desembocando no surgimento de comportamentos e modos de vida marcados pelo mínimo esforço, frente às adversidades da existência.

A sociedade hipermoderna se apresenta como a sociedade em que o tempo é cada vez mais vivido com preocupação maior, é generalizado o reinado da urgência. Esses novos desafios postos ao sujeito hipermoderno devem levá-lo a perguntar pelo fim últimos e por aquilo que dá sentido a existência e a ação subjetiva enquanto tal, tanto no que se refere a dimensão da individualidade, quanto da coletividade dentro do modo de vida atual.

Então, em tempos hipermodernos, o pensamento de Edith Stein ajuda a compreender a subjetividade humana quando ela situa em suas obras o homem como um ser livre. De forma que, na visão steiniana, razão, autoconhecimento e liberdade são partes integrantes e indissociáveis do sujeito. Assim, para um melhor entendimento da subjetividade considera Stein, necessário compreender-se a si mesmo, mediante a compreensão do modo como a consciência opera.

Para Stein, o ser humano nasce para ser livre, porém seguramente o que mais opõe resistência à liberdade é a própria natureza humana tão complexa. Em suas argumentações afirma que o sujeito é livre diante de tudo, pois determina sua vida diante de si mesmo. Reconhecendo, aqui, sua afirmação, o principal determinante para ser livre é defrontar-se com seu próprio interior, pois é no mais profundo do ser que está à liberdade. É do lugar mais inconstante, o eu, que o sujeito está mais próximo de se encontrar e tomar decisões que determinam a evolução própria.

Essa visão steiniana do sujeito livre e em construção revela que é no íntimo, na sua essência, que o homem se encontra em casa, portanto ele pode ser livre se assim o quiser. Contudo, para ela, Deus Ser infinito e criador está intimamente presente em Suas criaturas, mas somente pela vontade própria do indivíduo é que se estabelece essa intimidade<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> FABRETTI, V. *Uma vida por amor*. São Paulo: Paulinas, 1995.

Portanto, em Edith Stein, a respostas para o homem hipermoderno conseguir a liberdade, uma vez que estar livre é consentir estar, ou seja, escolher ser livre ou não é Deus ser infinito e criador.

Edith Stein oferece à psicologia uma fundamentação filosófica, explicitando os aspectos dinâmicos e orgânicos, bem como a essência interdependente e interconstitutiva da pessoa e da sociedade. Por isso, não é possível falar de ser humano e de seu processo de formação excluindo a relação propriamente social e cultural como via de construção e expressão. Como também não podemos falar da sociedade hipermoderna desconsiderando o sujeito que se posiciona a partir de sua razão e liberdade.

Assim, o sujeito é apreendido em termos de unidade em suas dimensões corpórea, psíquica e espiritual, sendo constitutiva sua abertura para o mundo natural e cultural, o que enfatiza a relacionalidade como fator essencial na formação pessoal. Dessa forma, a hipermodernidade não é apenas um agrupamento humano, mas se apresenta como uma modalidade típica de posicionamento pessoal e de uma abertura para acolher o posicionamento dos demais membros da sociedade. O aspecto essencial dessa relação sujeito e sociedade não é a adoção de uma postura de defesa frente à sociedade por parte do indivíduo, encarando-a como uma ameaça ao desenvolvimento pessoal, nem da adoção de estratégias de controle por parte da sociedade para que estes não ameacem seus aspectos originais, antes, significa reconhecer que seres humanos e sociedade são interdependentes em seu processo de tornarem-se si mesmos e que este processo só pode acontecer a partir de uma abertura recíproca. Ao mesmo tempo, a possibilidade de uma expressão cultural autêntica da sociedade, a possibilidade de mudanças sem deixar de ser si mesma, de acolher em si novas contribuições, podem ser identificadas na subjetividade.

Concluimos dizendo que para a subjetividade hipermoderna, na ótica de Lipovtsky, o valor por excelência não é a liberdade enquanto expressão de si mesmo como propõe Stein, mas liberdade para consumir. Portanto, na era do hiper tudo é sempre mais: mais desempenho instrumental, mais consumo e mais... sujeitos vazios de si e plenos de coisas.

## **Bibliografia**

BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. Globalização: as conseqüências humanas. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. Modernidade Líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. Tempos Líquidos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. Vida Líquida. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUDELAIRE, C. Sobre a modernidade. Rio de Janeiro: Editora Paz eTerra, 1996.

CASTELLS, M. La era de la Información: economía, sociedad y cultura – el poder de la identidad. 5.ed. Madrid: Alianza, 2001a. V. 2.

\_\_\_\_\_. La era de la Información: la sociedad en red. Madrid: Alianza, 2001b. V.1.

CASTIÑEIRA, A. A experiência de Deus na pós-modernidade. Tradução por Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1997.

CONNOR, S. Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo. Tradução por Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola 1993.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y.S. et al. O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAUS, J. I. G. Desafio da pós-modernidade. Tradução por Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

FABRETTI, V. Uma vida por amor. São Paulo: Paulinas, 1995.

FERREIRA, V.R.T. Psicoterapia e pós-modernidade: problemas da subjetividade e da psicologia clínica no contemporâneo. Revista de psicologia da UnC, vol.2 nº2, p.128-133. [www.nead.uncnet.br/revista/psicologia](http://www.nead.uncnet.br/revista/psicologia).

GONZÁLEZ REY, F. L. Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.

HELLER, A.; FEHÉR, F. A condição política pós-moderna. Tradução por Marcos Santana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

HELLER, A. Políticas de la Postmodernidad: Ensayos de Crítica Cultural. Barcelona: Ediciones Península, 1989.

KAPLAN, E. A. O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas. Tradução por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 1993.

LARA, T. A. A filosofia nos tempos e contratempos da Cristandade Ocidental. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia ocidental, do Renascimento aos nossos dias. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

LIPOVETSKY, G. A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Tradução Miguel Serras Pereira; Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'água, 1989.

\_\_\_\_\_. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução Maria Lucia Machado. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

\_\_\_\_\_. Os tempos hipermodernos. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004b.

\_\_\_\_\_. O nascimento do hipermoderno. Folha de São Paulo. 14 de março de Caderno mais, 2004c.

\_\_\_\_\_. A sociedade da decepção. Tradução Armando Braio Ara. São Paulo: Manole, 2007.

LYON, D. Pós-modernidade. Tradução por Euclides Luis Calloni. São Paulo: Paulus, 1998.

OLIVEIRA, M. A. de. Diálogos entre Razão e Fé. São Paulo: Paulinas, 2000.

\_\_\_\_\_. Pós-modernidade: abordagem filosófica. Fortaleza: UFC, 2002. P. 01- 21.

\_\_\_\_\_. Pluralismo e ética: in ética e práxis cristã. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. A filosofia na Crise da modernidade. São Paulo: Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_. Correntes fundamentais da ética contemporânea. 2ªed. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.

PONTES, R. N. Mediação e Serviço Social: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1997.

STEIN, E. A ciência da cruz. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

*\*Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins*

Doutor em Psicologia e Pós-Doutor em Ócio e Desenvolvimento Humano.  
Professor Titular do Doutorado em Psicologia no Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR.

*\*Prof. Ms. Francisco Antonio Francileudo*

Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR.  
Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação  
em Psicologia da UNIFOR.  
Professor da Faculdade Católica de Fortaleza – FCF.